

Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva
(Organizador)

2



Atena
Editora

Ano 2021

Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva
(Organizador)

2



 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Turismo, cidades, colecionismo e museus 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: William Cleber Domingues Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938 Turismo, cidades, colecionismo e museus 2 / Organizador William Cleber Domingues Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-470-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.709212309>

1. Turismo. I. Silva, William Cleber Domingues (Organizador). II. Título.

CDD 338.4791

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Turismo, cidades, colecionismo e museus” volume II é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume aborda 12 capítulos que permitirão aos leitores terem acesso a investigações de pesquisadores da área de turismo atuantes no Brasil e no exterior.

Sendo assim, o objetivo central desse livro foi o de debater, refletir e apresentar aos interessados diferentes temáticas e abordagens científicas que podem contribuir com o desenvolvimento do setor de turismo em diversas cidades e regiões.

Paralelamente a isso é importante destacar que a obra “Turismo, cidades, colecionismo e museus” volume II complementa o primeiro volume podendo servir de fonte de consulta tanto para acadêmicos da área de turismo quanto para gestores públicos interessados no desenvolvimento local.

Diante disso e a partir da apresentação de resultados práticos convidamos todos a fazerem conosco uma grande viagem através da leitura dos 12 capítulos que compõem essa obra no campo das ciências sociais aplicadas.

No que se refere à divulgação e disseminação de conhecimentos nas mais diferentes áreas, destacamos o papel da Atena Editora que através de sua equipe e plataforma consegue congrega investigadores, metodologias e resultados de pesquisas que podem servir de base para novas investigações ou intervenções na realidade de muitos.

Uma boa viagem a todos!

William Cleber Domingues Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MUSEUS E CRIANÇAS DO CAJUEIRO: AÇÕES DA 14ª SEMANA NACIONAL DE MUSEUS

Carollina Rodrigues Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123091>

CAPÍTULO 2..... 8

MARKETING TURÍSTICO ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS DE QUITO E SANTIAGO DE COMPOSTELA, CIDADES PATRIMÔNIO MUNDIAL

Pamela Belén Tipán Fraga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123092>

CAPÍTULO 3..... 17

ÍNDICES FINANCEIROS DO SETOR DE TURISMO

Marina Elizabeth Salazar Herrera

Susana Sánchez Solís

Dora Emilia Aguirre Bautista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123093>

CAPÍTULO 4..... 25

TURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (UC): ECOTURISMO E AS PRÁTICAS DE LAZER COMO FORMA DE SUSTENTAÇÃO DA RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA

Paula Cristina Pereira Rodrigues Chaves

Joise Simas de Souza Maurício

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123094>

CAPÍTULO 5..... 32

TURISMO PEDAGÓGICO EM COMUNIDADE URBANA E SUAS POSSIBILIDADES, ARACAJU-SE

Flaviano Oliveira Fonsêca

Jorgenaldo Calazans dos Santos

Jéssika Amanda de Oliveira Bispo

Adinagruber da Conceição Lima

Érica dos Santos Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123095>

CAPÍTULO 6..... 40

DIVERSIFICAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA: DESAFIOS, OPORTUNIDADES, SUSTENTABILIDADE

Filipa Canavarró de Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123096>

CAPÍTULO 7	54
TURISMO COMO UMA INDÚSTRIA CULTURAL: AS OFERTAS DE LAZER NA CIDADE DE ARAXÁ – MG	
Luana Ludmila Alves Boaventura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123097	
CAPÍTULO 8	69
MODERNIDADE E UTOPIA: INFLUÊNCIAS NA REGIÃO DA RUA 25 DE MARÇO E NO COMÉRCIO DA CIDADE DE SÃO PAULO	
Lineu Francisco Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123098	
CAPÍTULO 9	80
TURISMO NO ESPAÇO RURAL EM PORTUGAL – UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DA OFERTA E DA PROCURA	
Maria Lúcia Pato	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7092123099	
CAPÍTULO 10	88
A PERCEPÇÃO DOS <i>STAKEHOLDERS</i> E REPRESENTAÇÕES (VOZES) NO MODELO BARÔMETRO DE SUSTENTABILIDADE DE TURISMO (BST), NO LITORAL NORTE DE SERGIPE	
Mary Nadja Lima Santos	
José Carlos Santos Cunha	
Tiago Guimaraes de Oliveira	
Autran Ávila Pimentel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.70921230910	
CAPÍTULO 11	98
CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E CORRETIVA NA CRIAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO: VISÕES DA LUZ / MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS	
Antonio Carlos Martins	
Beatriz Beltrão Rodriguez	
Ivo Antonio Almico	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.70921230911	
CAPÍTULO 12	114
CONDICIONANTES GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE BARRA DOS COQUEIROS E PERSPECTIVAS PARA DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO LOCAL	
José Carlos Santos Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.70921230912	
SOBRE O ORGANIZADOR	127
ÍNDICE REMISSIVO	128

CAPÍTULO 11

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E CORRETIVA NA CRIAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO: VISÕES DA LUZ / MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Data de aceite: 02/09/2021

Antonio Carlos Martins

Arquiteto no Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Doutorando em Arquitetura no PROARQ/FAU/UFRJ. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, pós-graduação em Gestão e Restauro Arquitetônico pela Universidade Estácio de Sá e graduação em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Beatriz Beltrão Rodriguez

Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Bolsista do Programa de Desenvolvimento Institucional do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (PCI/MCTI/CNPq)

Ivo Antonio Almico

Graduado em Pintura - UFRJ/Escola de Belas Artes (1994). Atualmente é Designer Gráfico - Museu de Astronomia e Ciências Afins. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Pintura, atuando principalmente nos seguintes temas: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Comunicação Museológica, Projeto Exponográfico, Exposição e Linguagem Visual

RESUMO: Neste artigo, discutiremos sobre a introdução de exposições em patrimônios culturais. O objeto será a exposição “Visões da Luz” inserida no Edifício-Sede do Museu de Astronomia e Ciências Afins que é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). O objetivo principal do trabalho será analisar o processo de criação da exposição, desde a intervenção curativa até a montagem da exposição. Nesse contexto, pretende-se verificar a construção de conceitos que permitam a tanto a preservação do patrimônio, quanto o reconhecimento pelo público-alvo. Os métodos e meios utilizados incluem análises sobre: os estudos científicos; os conceitos de conservação preventiva; as intervenções e conservações realizadas e o projeto expositivo. E como resultado, pretendemos avaliar se a exposição valoriza a preservação do bem imóvel, além de introduzir conhecimento aos visitantes.

PALAVRAS - CHAVE: Conservação Preventiva; Intervenção Curativa; Patrimônio Científico; Museologia; Exposição Visões da Luz; Educação Patrimonial.

PREVENTIVE AND CORRECTIVE CONSERVATION IN THE CREATION OF AN EXHIBITION: VISIONS OF LIGHT / MUSEUM OF ASTRONOMY AND RELATED SCIENCE, 2016

ABSTRACT: In this article we will discuss about the introduction of exhibitions in cultural patrimony. The object will be the exhibition “Visões da Luz” inserted in the Edifício-Sede of the Museu de Astronomia e Ciências Afins, which is preserved

by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) and the Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac). The principal objective of this work is to analyze the process of creating the exhibition, from curative intervention to people recognition. In this context, we intend to verify the construction of concepts that allow both the preservation of patrimony, and the recognition by the target audience. The methods and means used include analyzes of: scientific studies; the preventive conservation concepts; interventions and conservations carried out and the exhibition project. And as a result, we intend to evaluate if the exposure value the preservation of the patrimony, as well as introducing knowledge to the visitors.

KEYWORDS: Preventive Conservation; Curative Intervention; Scientific Patrimony; Museology; Exhibition *Visões da Luz*; Patrimonial Education.

1 | INTRODUÇÃO

Através deste artigo, discutiremos determinados conceitos relacionados à conservação e a preservação de edificações com relevância científica e cultural tratadas como patrimônio, no momento da introdução de usos distintos aos originais, como por exemplo, criação de exposições e atividades culturais. A ideia é verificar se as medidas adotadas pelas instituições que os salvaguardam estão contribuindo para sua preservação, verificando se tais procedimentos de conservação preventiva e manutenção predial adotados permitem que esses bens se mantenham saudáveis e aptos para as atividades a que foram destinados.

O Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), localizado no morro de São Januário, no Bairro Imperial de São Cristóvão, Rio de Janeiro, é uma instituição de pesquisa que detém sob sua responsabilidade determinados edifícios oriundos do Observatório Nacional, e que salvaguarda instrumentos científicos, cúpulas e pavilhões, que, atualmente, não são mais utilizados em serviços de observação do céu para cálculos e medidas, mas que merecem ser preservados como importantes registros históricos da astronomia e de demais estudos científicos. Quando a instituição foi criada (1985) teria como missão a divulgação e proteção dos bens que estariam em processo de tombamento (finalizados em 1986-7), procurando criar atividades e exposições para o público, além de estudos científicos.

Levando em consideração a extensão do acervo da instituição e as várias edificações tombadas que fazem parte do conjunto arquitetônico, pretendemos focar em parte de uma delas para o estudo de caso: a conservação do pavimento térreo do Edifício-Sede. Portanto, o objeto de estudo será a exposição “*Visões da Luz*” realizada no térreo do Edifício-Sede que foi inaugurada no dia 16 de dezembro de 2015.

Analisaremos então as medidas de intervenção curativa e preventiva tomadas no térreo do Edifício-Sede no momento da criação de uma exposição, baseando-nos nas orientações dos órgãos fiscalizadores do patrimônio, nas cartas patrimoniais entre outros documentos de preservação. Verificando assim se os parâmetros e os procedimentos que estão sendo adotados para preservação estão sendo eficazes e examinar se é produzido conteúdo educacional na área patrimonial que possa gerar o reconhecimento afetivo pelo

público-alvo. Ao mesmo tempo, averiguando se as construções das exposições promovem ações de inclusão, conscientização e introdução de conhecimento exposto, assim como o reconhecimento do patrimônio.

É importante destacar que hoje o Edifício-Sede abriga exposições e atividades culturais com temáticas relacionadas à C&T, mas que no passado foi construído para ser a administração do Observatório Nacional quando introduzindo no Morro de São Januário, por decorrência da demolição do Morro do Castelo. Este prédio em específico foi inaugurado em 1921, enquanto os outros foram finalizados na década anterior. O setor responsável pela conservação das edificações e criação das exposições, o Serviço de Produção Técnica (PT), vem desenvolvendo um trabalho de conservação preventiva nas edificações tombadas, e procurando sempre produzir exposições que não prejudiquem, nem produzam intervenções visuais ou físicas negativas à identidade da arquitetura original do prédio.

O Edifício-Sede trata-se de uma imponente edificação construída no estilo eclético tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1987 e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) em 1986. Esta preservação promovida pelo Iphan e pelo Inepac não se restringiu a instituição de um tombamento individual de determinadas edificações de interesse patrimonial, mas sim a um o conjunto arquitetônico que envolve todo o campus ON/Mast, bens integrados e acervo no processo de tombamento.

Portanto, o objetivo principal do trabalho será dissertar sobre a inserção e o processo de criação da exposição “Visões da Luz” desde a intervenção curativa no andar até a concepção e montagem da exposição. Os métodos e meios utilizados incluem: análise sobre estudos científicos e conceitos sobre a conservação preventiva vigentes na atualidade; verificação sobre intervenções e conservações realizadas, considerando relatórios, projetos, levantamentos e, por fim, análises sobre a concepção do projeto expositivo.

Assim, observaremos se os resultados estabeleceram medidas curativas e preventivas para a conservação dos bens imóveis, assim como as divulgações de assuntos relacionados à C&T através criação das exposições, e ao mesmo tempo, promovendo o reconhecimento dos bens como um todo pela comunidade envolvida. Ao mesmo tempo, procuramos reforçar a importância da rotina de atos de conservação preventiva nos bens patrimoniais, permitindo agir menos de forma curativa, preservando mais a integridade do patrimônio por mais tempo.

2 | CONCEITOS DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

O prévio conhecimento do bem cultural define o princípio da sua preservação e da sua conservação. No campo do Patrimônio Cultural, o termo ‘preservar’ tem significado mais amplo do que o termo ‘conservar’. O primeiro abarca toda e qualquer ação que visa defender, resguardar e proteger os referenciais de uma cultura, dentre elas a de conservar os suportes físicos desse universo buscando garantir sua longevidade por meio das manutenções preventivas

e corretivas. A manutenção preventiva se antecipa à manifestação dos danos decorrentes do desgaste natural dos materiais propriamente ditos e dos danos provocados pelos agentes externos aos quais esses materiais são expostos, como as diversas ações do homem – forma de ocupação, de limpeza, de intervenção, de vandalismo etc.; as intempéries – chuvas ácidas, névoa salina, ventos etc.; os agentes poluidores dentre outros, a partir de verificação constante do comportamento dos suportes; do meio em que se inserem e de procedimentos técnicos adequados de limpeza e proteção. A manutenção corretiva, por sua vez, já intervém sobre a matéria de forma mais invasiva, removendo e/ou inserindo materiais, buscando desenvolver, assim, a integridade física desses suportes e é necessariamente pontual. (Pinheiro *et al.*, 2009, p.16)

Carlos Fernando de Souza Leão Andrade (2009, p.7) menciona que no século passado acreditava-se que a única forma de preservar o bem arquitetônico seria restaurando-o; e que a possibilidade de uso de diversos novos materiais deslumbrou os técnicos responsáveis pelo bem em mantê-lo são. Entretanto, segundo o mesmo autor, posteriormente entende-se ser mais importante preservar, intervindo cada vez menos no bem, mantendo sua integridade por mais tempo. Assim, considera-se agir de forma preventiva nas patologias para que a edificação não necessite de intervenções em maior escala, prevendo o dano e agindo periodicamente para que os agentes não persistam nem se propaguem a um ponto irreversível. Desta maneira, é possível minimizar a necessidade de substituição de suportes danificados, porque se evita que eles se deterioreem rapidamente. Prevenir futuras intervenções para agir contra um dano reduzirá o grau de comprometimento do suporte (reduzindo o grau de danificação e risco de extensão da patologia).

Na atualidade, no entanto, e há bastante tempo, está consolidada a ideia de que muito mais importante que restaurar, é tomar as medidas possíveis para que isso não venha a ser necessário. Dessa maneira as atividades de manutenção ou conservação adquirem o caráter de ações preventivas que impedem a paulatina degradação do bem, evitando, assim, intervenções externas. (Andrade in Pinheiro *et al.*, 2009, p. 7)

Ao mesmo tempo, ao lermos Pinheiro *et al.* (2009, p. 16) entendemos a importância da interdisciplinaridade nos projetos de conservação preventiva. Por isso, devem ser englobados diversos planos científicos mesclados no processo. Além de arquitetos, restauradores e engenheiros civis, devem participar dos estudos e projetos: engenheiros químicos, arqueólogos, historiadores, sociólogos, entre outros, para somar conhecimento e promover maior controle sobre o bem. Essa iniciativa introduz a ideia de “conservação integrada” ao projeto de preservação.

No pressuposto de que as obras de manutenção realizadas no devido tempo asseguram longa vida aos monumentos, encarece-se o maior cuidado possível na vigilância contínua dos imóveis para a adoção de medidas de caráter preventivo, inclusive para evitar intervenções de maior amplitude. (MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA - CARTA DE RESTAURO, 1972). Sendo assim, ao estudarmos as cartas patrimoniais podemos ratificar

estes conceitos aqui descritos. Cabe às instituições que salvaguardam o bem zelar pela sua saúde, sempre preferindo ações periódicas de conservação preventiva, em detrimento a ações de intervenções corretivas mais profundas que substituem parte do elemento original, porque já está tão deteriorado que não tem possibilidades de se manter sem uma interferência (mas que em muitos momentos ainda é muito utilizada, pela falta das primeiras ações). Ao mesmo tempo, é importantíssima a existência dos órgãos fiscalizadores do patrimônio tanto para efetivar e fundamentar a qualidade de patrimônio a determinado elemento, ambiente ou artefato, mas também para agir verificando e advertindo o que vem sendo feito como conservação e principalmente intervenção neste patrimônio.

3 | IMÓVEL MUSEALIZADO – A EFIFICAÇÃO VISTA COMO UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Foucault (2008, p. 11) descreve como documentação todos os “sinais inscritos no mundo natural”. Interpretando seus conceitos, podemos considerar que a documentação extravasa os limites de um papel histórico e pode ser descrita como um objeto, ou mesmo como um elemento abstrato. Assim, podemos considerar que até uma edificação pode se tornar um documento. (...) A cidade, documento de si mesma, desdobra-se a partir das informações que contém: essas informações orientam práticas e representações que terão como suporte o espaço urbano. (BITTENCOURT e COELHO, 2010, p.11)

Já Deetz (1996) entende que o uso combinado de documentos escritos e materiais arqueológicos proporcionam entendimentos sobre os elementos do passado, o que seria improvável se utilizados simplesmente como um conjunto de informações. Assim, um determinado elemento inserido em uma paisagem e/ou em uma edificação pode agregar valor, um complementando o outro. Neste caso específico do Mast, um instrumento científico inserido em um pavilhão (desenhado e construído especialmente para o instrumento), localizado em um campus de observações, pensado primordialmente para estudos científicos. Se houvesse a separação desses três elementos, com certeza, perderiam seus valores, correndo riscos de descaracterização. Mas, ao serem preservados e permitindo o acesso das pessoas tanto à edificação quanto ao instrumento científico (a luneta), criam-se interfaces de comunicação com este meio de compreensão, possibilitando o reconhecimento de sua história no passado. Além disso, resgatam-se os processos de conhecimentos científicos desse conjunto: edificação, instrumento científico e lugar/paisagem.

Também Martinez-Comeche (*apud* Loureiro *et al.*, 2012) acredita que tudo pode ser descrito como um documento, mas nada pode ser um documento se assim não for considerado. Logo, entendemos que se não houver o reconhecimento, por exemplo, de uma edificação, ela não pode ser considerada um documento. Um tombamento pode não promover o reconhecimento deste conjunto, mas sim iniciativas que esclareçam a sua

importância à sociedade.

E, por fim, ao estudarmos Meyriat (1981), compreendemos que a partir do momento que ocorre a busca de informações sobre um objeto, ele pode ser descrito como documento. A busca torna-se, então, um elemento essencial para o seu reconhecimento como documento. No decorrer de nossa prática diária, é possível observar o interesse de alguns visitantes em saber sobre as edificações históricas do campus. Por que elas são daquele jeito? Por que ainda estão lá? Assim, tendo os mesmos autores como referências, podemos entender as edificações como documentos. Mas um objeto não possui a vontade de informar, as pessoas é que devem entendê-lo e buscar informações sobre ele. Caso ele não seja explicado, simplesmente pode se tornar algo óbvio e elemento banal do cotidiano. Então, o homem, agregando valor a um objeto através do seu estudo, conservação e musealização, preserva-o para as gerações posteriores. A preservação deve ser integral: desde a conservação dos materiais construtivos, passando pela sua história, até sua imagem imaterial.

4 | MUSEOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO

Houve grande preocupação da equipe do SPT em preservar a visualização da ambientação arquitetônica no momento da concepção expográfica para facilitar o monitoramento e a conservação preventiva dos cômodos, mas também para valorizar a arquitetura do edifício. Afinal, trata-se de um elemento tombado e que merece destaque por sua beleza e importância histórica.

O projeto expográfico foi elaborado pelo arquiteto Antonio Carlos Martins, chefe do SPT, e pela arquiteta Beatriz Beltrão Rodriguez, Bolsista PCI/MCTI-CNPq. O processo de concepção, intervenção curativa e montagem duraram aproximadamente oito meses: tanto os detalhamentos de projeto, quanto a criação dos próprios elementos expográficos (ocorrendo em paralelo às duas atividades).

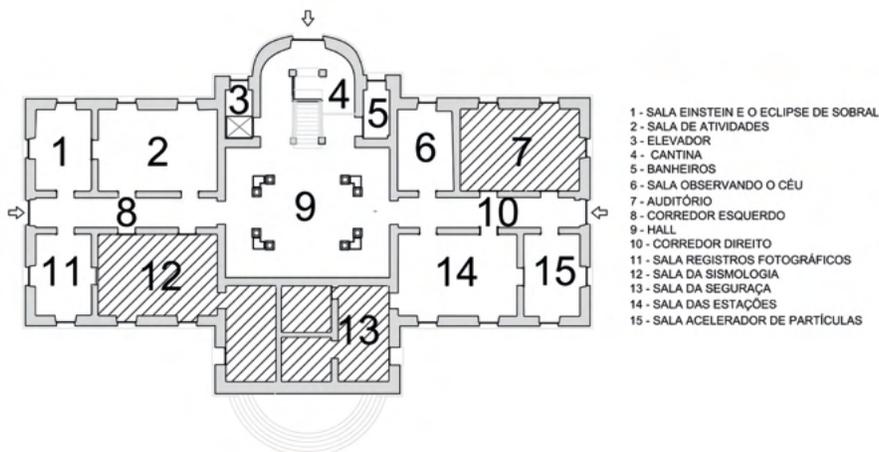


Figura 1. Planta baixa do térreo do Edifício-Sede – descrição dos ambientes.

A construção do pensamento da exposição foi iniciada no Hall com a criação de módulos, dividindo o espaço em várias áreas que se conectavam entre si. E foi sendo desenvolvida posteriormente de sala em sala, levando em consideração as temáticas previamente determinadas pelos curadores da exposição, a Profa. Dra. Maria Esther Valente (CED/Mast) e o arquiteto Antonio Carlos Martins (SPT/CMU), e a participação de outros pesquisadores. Também, houve uma preocupação desde o início do projeto na ocupação dos corredores, por se tratar de áreas mais estreitas e de bastante tráfego de visitantes. Por tanto, os arquitetos desde o início preocuparam-se em estudar diferentes soluções para esses espaços.



Figura 2, 3 e 4. Fotografias dos Corredores. Fonte: SPT. Fotografia: Suzane Torres, 27/04/2016.

Nos Corredores, pensou-se em utilizar soluções dinâmicas fugindo da horizontalidade do ambiente. Daí surgiram as estruturas enviesadas, por onde o observador pode visualizar o conteúdo do painel de uma distancia moderada sem atrapalhar o percurso da passagem. Também, criaram-se ambientações diferenciadas através dos arcos, chamando mais a atenção do público pela mudança da volumetria do corredor. Outra solução importante foi

o uso de forros feitos de DRYWALL, também para variar os níveis do corredor e permitir a utilização de novos equipamentos de iluminação. Esta solução com os forros adequou-se tão bem ao contexto da exposição que foi repetida em duas outras salas.

A retirada de alguns forros (antes adesivados com imagens da exposição) no Hall também foi pensada para valorizar a entrada de luz no ambiente e permitir a visualização de elementos arquitetônicos – agregando um caráter poético da chegada da luz e permitindo a visualização destes bens integrados da arquitetura do edifício – tijolos de vidro.

Além da temática determinada pela curadoria, a concepção expográfica de cada sala também dependeu da ocupação das vitrines que receberiam os objetos do acervo. Para todo acervo que não tinha vitrine foi necessário construir uma nova ou utilizar àquelas já existentes na instituição (principalmente, utilizaram-se vitrines brancas que foram construídas para a exposição Tesouros do Patrimônio de C&T no Brasil, além de outras estruturas, painéis e equipamentos de áudio e vídeo foram aproveitados através da reciclagem dos materiais).

Com relação ao projeto de iluminação desta exposição, procurou-se conceber estratégias de iluminação que valorizassem as soluções expositivas e o próprio conjunto arquitetônico. Dentre as várias lâmpadas utilizadas, destacamos o uso de Spots de RGB, lâmpadas LED, Dicroica e de Filamento. Uma importante escolha foi a colocação de lâmpadas de filamento de tungstênio em cada módulo do Hall, valorizando a ambientação pela beleza escultural do filamento, da tonalidade da luz e do desenho da lâmpada. Também é importante mencionar o esforço para o retorno das luminárias antigas do edifício (encontradas sob a guarda do NUDCAM/CMU) que agregaram valor ao conjunto arquitetônico. Essas luminárias antigas contrastaram muito bem, com os novos equipamentos de iluminação, que receberam lâmpadas dicroicas e LEDs, com características mais simples e minimalistas, valorizando e harmonizando com a nova ambientação da expografia. Nos locais onde não existiam pontos de energia originalmente, foram utilizadas fitas elétricas para encaminhar energia às luminárias sem necessitar abrir caminhos nos tetos ou paredes. Também, utilizaram Fios PP, para alimentar os pontos de elétrica e de iluminação de baixa tensão, por trás das estruturas de MDF, de forma a otimizar o trabalho e reduzir a quantidade de elementos de ligação.

Quanto às construções dos painéis com os conteúdos gráficos, o SPT preocupou-se em projetar soluções que pudessem utilizar materiais existentes na instituição, que não promovessem danos à edificação e que fossem facilmente removidos, na ocasião da desmontagem da exposição (ou para uma possível manutenção da arquitetura). Foram construídos na sua maioria painéis de madeira de MDF, que não permitem a infestação por xilófagos e se adaptaram as necessidades a que foram destinados.

E no que se trata da elaboração do conteúdo gráfico da exposição, definiu-se a fonte tipográfica *Chiati* BT para ser aplicada nos textos da exposição, por ser uma fonte que podemos fazer uma leitura rápida, por ter formas bem definidas e clareza visual, além

de ter sido usada na exposição permanente Olhar o céu, medir a Terra. O corpo do texto foi usado o tamanho 50pt, texto secundário 40pt, as legendas 36pt e as citações ficaram livres depende de como fosse usada graficamente no painel. Para as cores e disposição dos conteúdos nos painéis, optou-se por soluções coloridas, com escolhas de cores dominantes referenciadas pelas fotografias encontradas nos painéis.

Também, é importante ressaltar que alguns elementos foram criados para realçar o conjunto expositivo, como o portal de entrada com o título da exposição iluminado (palavra LUZ), e lâmpadas RGB para dar um efeito triunfal na entrada. Quando o visitante desce as escadas e se depara com o portal é atraído para a exposição começando a experiência da visita, antes mesmo de entrar no andar.



Figura 5, 6, 7 e 8 . Fotografias do Hall, Sala Einstein e o Eclipse de Sobral, Sala Registros da Luz e Sala Observando o Céu – Captando a Luz (na seqüência). Fonte: SPT. Fotografia: Suzane Torres, 27/04/ 2016.

Ao mesmo tempo, vale destacar a ambientação da sala Einstein e o Eclipse de Sobral que ganhou grandiosidade através dos painéis curvos. Essa solução foi conseguida através da liberdade de criação, pois neste caso só existia um pequeno acervo a ser contemplado nesta sala.

A sala Registros da Luz e Observando o Céu – Captando a Luz recebeu bastantes estudos de layouts para melhor adequar as vitrines, e a escolha mais adequada dos objetos do acervo foi incorporada à exposição. Aqui também foram utilizados forros de DRYWALL, mas com imagens adesivadas correlacionadas ao tema de cada sala.

Por fim, as salas Espaço Acelerador de Partículas e Estações do Ano já existiam no andar. A primeira foi inaugurada no mesmo ano (2015). A segunda é uma das exposições que mais agrada o público (principalmente o infantil). Portanto, a equipe do SPT juntamente com a Profa. Esther Valente acharam prudente incorporá-las ao conjunto da exposição Visões da Luz, fazendo pequenas adaptações nas salas.

5 I INTERVENÇÃO CURATIVA E CONSTRUÇÃO DA EXPOGRAFIA

O projeto de intervenção curativa teve por principal objetivo reduzir, com propósito de eliminar, as principais causas que promoveram patologias e danos nos elementos arquitetônicos do Edifício-Sede, focando no pavimento térreo. Este pavimento ficou

durante bastante tempo sem conservação e a maior preocupação do SPT estava voltada à preservação do conjunto arquitetônico, solucionando problemas provocados por infiltrações, fissuras, intervenções e uso de elementos pictóricos inadequados, que se não fossem tratados poderiam comprometer a integridade da construção futuramente. Ao mesmo tempo, o SPT desenvolveu o projeto expositivo tendo o cuidado de criar propostas que facilitassem a conservação preventiva, o monitoramento e a visualização dos ambientes arquitetônicos.

Neste andar, todas as paredes foram construídas em alvenaria de pedras com argamassa de cal e areia. O piso é todo feito em ladrilho hidráulico da mesma cor (tom branco acinzentado). As esquadrias tanto internas como externas foram feitas de madeira (sendo que nas janelas externas há composição de madeira com vidro). E as sancas e forros foram feitos de estuque.

Pela resistência dos materiais construtivos desta edificação, encontramos poucos danos, que em sua maioria foram ocasionados pela falta de conservação e manutenção periódicas e preventivas. Também, verificamos que o uso contribuiu para o desenvolvimento dos danos e das patologias. No entanto, o SPT observou que os problemas encontrados em sua maioria seriam fáceis de serem corrigidos ou tratados. Abaixo descrevemos os principais danos:

- Ausência de parte de revestimento: Causado pelo uso de produtos e equipamentos de limpeza inadequados e pouco cuidado dos usuários para com os espaços;
- Desprendimento ou Estufamento de Camada Pictórica: Causado por intervenções inadequadas combinados com umidade ascendente. Foram utilizadas massas acrílicas e tintas PVA, que não são indicados para construções que usam argamassas e tinta à base de cal, por não permitirem a troca de umidade da parede com o ambiente;
- Fissuras: Assim como a descrição anterior, as principais fissuras e rachaduras encontradas no andar foram provenientes de danos causados por acúmulo de camada pictórica e argamassa de origem inadequada combinados com umidade ascendente;
- Infestação de Xilófagos: Foi encontrada em muitas madeiras - dentre rodapés, alisares e aparatos. Quando as madeiras eram originais ou antigas foram recuperadas, quando não, foram substituídas;
- Infiltrações: Localizadas próximas à porta de entrada da sala “Registros da Luz”, decorrentes de problemas na passarela externa do Edifício-Sede que o liga ao Campus através do primeiro pavimento;
- Sujidade Generalizada: Ocasionada pela poluição e pelas intempéries (ornatos, frisos e elementos com reentrâncias, mas neste caso também nas paredes e nos pisos). Igualmente, correm devido à ausência de uma conservação preven-

tiva periódica e pelo pouco cuidado dos usuários para com os espaços;

- Excesso de infra-estrutura de rede e elétrica: Muitas tomadas, canaletas e calhas com lâmpadas fluorescentes, devido aos usos anteriores das salas que comprometiam a integridade visual (nem sempre era possível retirar todas as canaletas).

Em muitos casos existiam outras exposições montadas, as salas teriam abrigado atividades culturais, administrativas ou eram utilizadas como depósito. Os cômodos não recebiam conservação há bastante tempo e as atividades provocaram diversos danos, principalmente, como sujidades e desgastes das pinturas. A maioria das salas não estava pronta para intervenção quando o SPT iniciou os procedimentos de intervenção. Sendo necessário desmontar exposições, solicitar transferência de materiais para depósito, entre outros. Quando os painéis, móveis, materiais acervos foram retirados foi possível verificar e mapear mais danos e patologias e iniciar os procedimentos de recuperação dos ambientes. A intervenção curativa no pavimento térreo iniciou-se na sala que hoje abriga a parte da exposição relativa aos “Registros da Luz”, e foi finalizada na sala “Espaço Acelerador de Partículas”.

Não foi possível interditar todo o pavimento térreo porque havia a necessidade do uso de determinados cômodos, como: Sala de Atividades, Auditório e banheiros. Portanto, os funcionários trabalharam dividindo o espaço em módulos (previamente orientados pelo SPT), sempre deixando um caminho de passagem para as outras pessoas que necessitaram trafegar por ali.

Primeiramente, a equipe de elétrica retirou as fiações, canaletas, ventiladores e calhas desnecessários as novas funções da sala e reorganizaram as instalações elétricas de acordo com as necessidades da exposição. As intervenções foram superficiais e com características reversíveis. Utilizaram-se rebaixos de DRYWALL, fitas elétricas, painéis de MDF entre outras soluções para proteger ou encobrir as trajetórias dos traçados elétricos, impedindo a sua visualização e permitindo a fácil retirada, sem danos ao edifício (reversibilidade).

Os principais elementos que receberam diagnósticos e sofreram intervenção curativa foram: as paredes, os tetos (ou forros), as sancas, os rodapés e as esquadrias internas dos compartimentos em todo o pavimento térreo do Edifício-Sede. Em geral, os ambientes não apresentavam as tonalidades internas originais do edifício. No entanto, como intervenções passadas (em outros andares), foram verificadas as cores originais através de levantamento estratigráfico, agora foram reproduzidas com tintas à base de PVA, adotando os procedimentos autorizados pelo Iphan e Inepac (MEYER; MARTINS, p.22, 2015).

Desta maneira, foram iniciadas as recuperações das paredes, forros (ou tetos) e sancas, solucionando os problemas de fissuras, estufamentos e desgastes dos rebocos, pinturas e argamassas. Foram aplicadas às paredes em torno de três demãos de selador

(dependendo da cor de cada sala) e massa em regiões pontuais; em seguida, foram aplicadas três demãos de tinta na cor marfim nas paredes e tetos e branca nas sancas. Em seguida, foram pintados os alisares e portas internas com a cor cinza claro e os rodapés na cor camurça.

Quando não havia uma recuperação mais delicada a ser feita, iniciavam-se os procedimentos de montagem dos elementos expográficos nas salas. Assim, foram montados painéis segundo as descrições e recomendações de projeto. A maior parte das soluções de painéis foram construídas em madeira de MDF, com espessuras de 3mm, 6mm e 15mm.

Em alguns compartimentos foram instalados forros em DRYWALL: Corredores, Sala Einstein e o Eclipse de Sobral e sala Observando o Céu - Captando a Luz. Para isso, a equipe construiu a estrutura de metal que sustenta o DRYWALL e na seqüência os fixou nos tetos. Nos Corredores, foram instaladas luminárias nestes forros; nas salas, impressões com imagens (adesivados).

Como um dos maiores desafios desta exposição foi projetar utilizando materiais já existentes na instituição, oriundos de sobras de outras exposições, em muitos momentos a equipe do SPT optou por utilizar vitrines e objetos que já existiam e estavam em boas condições de uso. As vitrines brancas que foram dispostas no Hall e na Sala de Registros da Luz foram projetadas para a exposição temporária Tesouros do Patrimônio de Ciência e Tecnologia no Brasil (2010). Também, foi utilizada uma vitrine com mesa de madeira que estava guardada no depósito do SPT, outras que estavam na reserva técnica da NUDCAN, sem falar do acervo que já tinha suas próprias vitrines (construídas pelos funcionários da instituição em outros momentos). Mesmo assim, foi necessário construir ainda mais duas vitrines para sala Registros da Luz e para a sala Observando o Céu - Captando a Luz.

Quando a empresa que fez as impressões dos adesivos com os conteúdos gráficos da exposição, trouxe os primeiros adesivos para testar a aderência e qualidade do serviço, o SPT verificou que os adesivos estavam se desprendendo dos painéis de MDF. Por solicitação da empresa de impressão dos adesivos, todos os painéis, que antes somente receberam selador, foram pintados com tinta. O pintor executava a pintura de acordo com a montagem dos painéis realizada pelos marceneiros. Outra necessidade solicitada pela mesma empresa foi a fixação de placas de PVC nos tetos curvos dos arcos (fornecidas pela própria empresa). Nas primeiras semanas de dezembro foram aplicadas às impressões nos painéis e foram instalados os últimos detalhes da montagem (cortinas, lustres, lâmpadas, retoques nas pinturas).

6 | CASOS MAIS DELICADOS OU INDIVIDUAIS

- Fissuras nos corredores: Os principais problemas encontrados nos corredores eram provenientes de fissuras contínuas em toda a extensão das duas paredes laterais. Essas fissuras são decorrentes de uso de materiais diferentes na com-

posição das argamassas. Provavelmente, ocorreu neste local uma intervenção executada com materiais inadequados provocando desagregação entre as diferentes argamassas, que foram evidenciadas, anos mais tarde, através destas fissuras.

No Corredor Esquerdo, o SPT optou por solucionar o problema das fissuras agindo pontualmente, porque, apesar de serem contínuas eram finas e tinha pouco material desagregado. Sendo assim, os pintores abriram as fissuras retirando todo material que já estava se desprendendo. Durante este processo, foi possível perceber que ocorreu uma intervenção utilizando um traço de cimento para a fabricação da argamassa bem mais forte do que o necessário (e que essa intervenção seria mais recente que no corredor direito). Logo em seguida, as fissuras foram recompostas e foram finalizados os procedimentos, assim como nos demais ambientes (antes descritos).

No Corredor Direito, além da fissura, existia bastante umidade ascendente. As bases das paredes e rodapés estavam constantemente úmidas e a tinta estava se desprendendo (tanto a tinta, quando a argamassa, estava apodrecendo devido ao excesso de umidade). O pintor iniciou a intervenção curativa deste corredor, já no momento em que passava a primeira camada de selador na parede, as pinturas mais baixas se soltavam e aderiam aos pincéis ou no rolo. O SPT isolou a área mais crítica (h = 60 cm do rodapé) para a intervenção curativa, onde foram retiradas as argamassas que estavam em processo de apodrecimento, sendo recompostas por argamassa de cal e areia, recebendo também posterior pintura a base de cal. Como foi uma ação mais combativa a equipe do SPT optou por destacar a intervenção curativa utilizando tinta à base de cal na cor branca.

- Restauração das bases dos pilares no Hall: A princípio, foi feita a regeneração das partes faltantes com uma massa reforçada; em seguida, nivelou-se a área com a mesma massa utilizada nas paredes, lixou e pintou. O processo de restauração dos quatro pilares foi finalizado com a pintura das bases na mesma tonalidade dos rodapés.
- Construção dos aparatos: Três aparatos remanescentes da exposição As Estações do Ano e a Terra em Movimento foram recuperados, sendo adaptados à exposição, dispostos no Corredor Esquerdo, no Hall e na sala Observando o céu – Captando a Luz. O planejamento inicial previa a reconstrução de todos os aparatos, porque estavam infestados de xilófagos, mas no final da montagem da exposição não havia material suficiente para refazê-los necessitando recorrer à recuperação dos dois primeiros (só foi refeito o último). A cor original era vermelha, mas para a nova exposição, foram pintados de cinza e/ou amarelo.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje verificamos poucas atitudes de gestores dos setores públicos interessados na preservação do patrimônio, aplicando a conservação preventiva. Na maior parte das

vezes promovem projetos de restauração e intervenção curativa por extrema necessidade. Quando agem de maneira corretiva, restaurando e intervindo, menos resta do original. Assim, negligenciam aquilo que se tornou patrimônio, sendo reconhecidos em instâncias federais, estaduais ou mesmo municipais, por representarem um traço da história do nosso povo e a falta desta preocupação torna-se um crime de extinção destes registros de nosso passado.

No Museu de Astronomia e Ciências Afins, como em muitas outras instituições públicas, percebemos preocupações por parte de determinados funcionários na salvaguarda do conjunto arquitetônico tombado. Existem coordenações que vem trabalhando na preservação das edificações, bens integrados, acervo e na própria paisagem. No entanto, em muitos casos ainda agem de maneira curativa, mas estão sempre procurando investir em precauções, através de propostas de conservação preventiva e manutenção periódica, levando sempre em consideração as orientações dos órgãos fiscalizadores do patrimônio.

Mas isto não basta! Não é o suficiente. Estas preocupações devem partir da gestão da instituição, sendo conjeturadas em sua missão e estabelecidas através de políticas adequadas de preservação deste patrimônio envolvido. Algo que ainda falta em muitas gestões públicas, mas que não é regra visto que podemos verificar várias iniciativas neste sentido.

O grande incentivador desta intervenção curativa foi à necessidade de adaptação do espaço para a construção da nova exposição “Visão da Luz” inaugurada no dia 16 de dezembro de 2015. Essa exposição foi estimulada pela temática que é desenvolvida pela UNESCO anualmente, que no ano de 2015 abordou a LUZ. Foi feito um levantamento minucioso das intervenções e danos ocorrido em um longo espaço de tempo sem atuações de conservação periódica. Foi um processo que teve duração de oito meses, compreendendo atividades de criação do projeto expográfico, intervenção corretiva do pavimento térreo, criação do designer gráfico e montagem da exposição.

É importante também destacar que o uso do patrimônio pode provocar sua conservação ou sua ruína. Desta maneira, quando o Mast desenvolveu a exposição teve a oportunidade de conservar através do uso da ambientação, agora como exposição. Mais que a preservação da edificação, ele garante o contato do público com o patrimônio. Também, é importante descrever que as composições expográficas e museografias propostas pelo SPT vem procurando deixar a arquitetura ser vista, para monitorar possíveis danos ou patologias e para valorizar a edificação tombada, permitindo que ela seja vista pelo público. E nesse caso, o patrimônio se estende aos determinados itens do acervo científico tombado, que estavam, em sua maioria, na reserva técnica, e agora o público tem a oportunidade de visualizá-los, aprender mais sobre suas histórias e utilizações. Quando o público ou os usuários vêem o patrimônio em boas condições eles tendem a preservá-lo, mas no caso contrário, em geral, não se preocupam em mantê-lo.

Outros desafios foram enfrentados ao longo da montagem da exposição como a falta

de material, gerando a reutilização de materiais e vitrines existentes e a necessidade de orientação à equipe de conservação que nem sempre é especializada. Os técnicos tiveram que preocupar-se em produzir peças ou criar soluções arquitetônicas que condissessem com o material disponível no Mast.

A museografia desta exposição procurou propor soluções que valorizassem a arquitetura da edificação. A combinação do novo com o antigo valorizou a composição da ambientação sugerida, estimulando a transmissão dos conteúdos da exposição e a visualização da arquitetura.

REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia. **O ecletismo na construção do novo Observatório Nacional no início do século XX**. Dissertação (Mestrado em História e Crítica da Arte) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais: Escola de Belas Artes EBA: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2009.

ANDRADE, Carlos Fernando de Souza Leão. Apresentação. *In*: PINHEIRO, Marcos; LOURENÇO, Bettina de; FRANQUEIRA, Marcia; COELHO, Cristina e LOPES, Débora. **Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados: O caso do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos**. Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2010. p. 7.

BITTENCOURT, José Neves; COELHO, Priscila Arigoni. Musealidade: um conceito para o estudo de cidade. *In*: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 11. (Anais). Rio de Janeiro, 2010.

DEETZ, James. **In small things forgotten. An Archaeology of Early American Life**. New York: Anchor Books, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MEYRIAT, Jean. **Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation**, n. 14, p. 51-63, 1981.

MOLES, Abraham. Objeto e Comunicação. *In*: MOLES *et al.* **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 9-41.

MORIZE, Henrique. **Observatório astronômico – um século de história (1827-1927)**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1987.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus; NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Às margens do documento: **Reflexões sobre paisagem e outros artefatos**. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2012.

RESENDE, Ivo Luciana Coelho da Costa. **Relatório Final de atividades – estudo de caso: estudo de aprofundamento sobre a história do Campus MAST-ON – ocupação do morro de São Januário e seu entorno**. Rio de Janeiro: MAST, jun. 2008.

VIEIRA, Ana Cristina Cotrim. **Projeto preservação da documentação histórica e bens patrimoniais.** v. I e II Rio de Janeiro: CNPq/MAST, 1987.

PINHEIRO, Marcos; LOURENÇO, Bettina de; FRANQUEIRA, Marcia; COELHO, Cristina e Lopes, Débora. **Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados: O caso do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos.** Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análises 33, 58, 65, 81, 98

Aspectos Turísticos 114

B

Barra dos coqueiros 114, 116, 125, 126

C

Conservação Preventiva 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 110, 111

D

Desenvolvimento Turístico 40, 42, 43, 47, 48, 51, 61, 66, 80, 88, 114, 115, 122, 123

Diversificação e inovação 40, 49

E

Educação 1, 2, 4, 5, 6, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 89, 95, 98, 114, 120

Educação Patrimonial 1, 4, 5, 6, 39, 98

Exposição 3, 5, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112

F

Ferramenta Pedagógica 32

I

Identidade 1, 2, 4, 5, 6, 33, 37, 42, 43, 49, 92, 100

Impactos 26, 27, 28, 29, 30, 40, 41, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 64, 65, 87, 94, 95, 119, 122

Índices Financeiros 17

Indústria Cultural 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 68

Inovação 31, 40, 41, 47, 49, 98

Intervenção Curativa 98, 99, 100, 103, 106, 108, 110, 111

L

Lazer 6, 25, 26, 28, 29, 30, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 80, 92, 125

Litoral Norte. Sergipe 88

M

Mercantilização do lazer 54, 58

Método Delphi 88

Modernidade 69, 73, 74, 79

Museologia 98

Museus 2, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

O

Oferta Turística 11, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 51, 85, 88, 92, 93

P

Patrimônio Cultural 1, 6, 98, 99, 100

Percepção de Stakeholders 88

Planejamento 3, 29, 31, 36, 39, 65, 67, 69, 90, 93, 110, 120, 122, 123

Portugal 1, 31, 40, 80, 81, 82, 84, 87

Procura 28, 40, 43, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 80, 81, 84, 85, 86, 89

Promoção Turística 65

Q

Quito 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

R

Redes Sociais 8

S

Sacoleiro 69

Santiago de Compostela 8, 9, 10, 12, 13, 14

Sustentabilidade 5, 6, 26, 27, 29, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 88, 89, 91, 95, 96

T

Território 1, 2, 3, 4, 5, 6, 35, 71, 76, 96, 119, 124

Turismo 2, 9, 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 118, 121, 122, 125, 126, 127

Turismo Pedagógico 32, 33, 34, 36, 37, 39

Turismo Rural 81

Turismo Sustentável 26, 27, 52, 88, 89, 90, 95, 96, 97, 126

U

UNESCO 8, 9, 11, 111

Unidades de Conservação 25

Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

 www.arenaeditora.com.br

 contato@arenaeditora.com.br

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

2



 **Atena**
Editora

Ano 2021

Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

 www.arenaeditora.com.br

 contato@arenaeditora.com.br

 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)

 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

2



 **Atena**
Editora

Ano 2021